

Animais aquáticos na trilogia de Fausto Bordalo Dias

Nina Vieira

CHAM – Centro de Humanidades (FCSH – Universidade Nova de Lisboa)

Rui de Carvalho Afonso

Investigador independente

*Quando às vezes ponho diante dos olhos
A fúria da onda tremenda
Rasgada no vento
O assombro
Da fronha de um monstro
Que horrenda*

“Quando às vezes ponho diante dos olhos”, in Por Este Rio Acima

Fausto Bordalo Dias, famoso compositor português, conta com quase 50 anos de carreira em nome próprio e 12 álbuns originais, além de coletâneas, discos ao vivo e participações paralelas em outros projetos musicais.

A trilogia a que aqui nos referimos diz respeito à obra de Fausto focada na identidade do povo português e na Diáspora Portuguesa – expressão que o próprio autor assume, bem como o seu significado histórico-cultural

(Afonso, 2010:31, 87-88) – é, na verdade, composta por três álbuns conceptuais – *Por Este Rio Acima* (1982), *Crónicas da Terra Ardente* (1994), e *Em Busca das Montanhas Azuis* (2011) (Figura 1).



Figura 1 – CD's da trilogia sobre a Diáspora Portuguesa de Fausto Bordalo Dias.

Fausto Bordalo Dias dedica cada um dos volumes da sua trilogia a um contexto diferente da história da expansão, tendo por base relatos de viagens que dão corpo às canções construídas. O primeiro, *Por Este Rio Acima*, dedica-se de forma exclusiva a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto. O segundo, *Crónicas da Terra Ardente*, constrói a sua lírica a partir dos relatos de naufrágios compilados por Bernardo Gomes de Brito em *História Trágico-Marítima*. O terceiro e último, *Em Busca das*

Montanhas Azuis, retrata as expedições terrestres dos exploradores portugueses no continente africano entre os séculos XV e XVIII, não se cingindo, contudo, a uma obra específica, mas sim a fontes diversas.

Os animais estão presentes na historiografia da expansão portuguesa, com maior ou menor destaque, incluindo-se em temáticas de estudos relacionadas com o medo, o exótico, o simbolismo dos elementos naturais, a construção do conhecimento científico, percepções e usos (e.g. Lopes, 2002; Lopes, 2009; Brito, 2010; Simões & Ferreira, 2011), entre outros. De facto, os descobrimentos portugueses desenharam um novo mundo, na qual transformação a literatura de viagem assume um papel de relevo pela disseminação da informação sobre o novo, o diferente, o desconhecido. As coleções de viagens tinham um valor intrínseco e formaram um género muito mais adequado às expectativas humanistas, com navegadores em vez de estudiosos, e relatos originais em vez de interpretações (Groesen, 2008; Lopes, 2016). No que aos animais marinhos e aquáticos diz respeito, a sua complexidade, tanto pelas suas dimensões como pelo seu modo de vida, dificultavam a sua observação, e os seus comportamentos selvagens, mais ou menos agressivos, relacionados com os seus modos de vida e muitas vezes com as suas estratégias de alimentação, ditavam uma conseqüente conotação positiva ou negativa. Para além disso, a descrição da novidade, do exótico, do belo, do diferente, trouxe consigo a atribuição de valor aos novos elementos da natureza enquanto produtos de consumo e recursos económicos, quer fosse para a subsistência a bordo, na exploração da terra junto a braços de rios, ou mais tarde no comércio estabelecido entre os novos territórios e a Europa (e.g. Brito & Vieira, 2016).

No âmbito da chamada de colaboração na antologia crítica “Imaginários do Mar”, pretendeu-se neste contributo identificar músicas com referência a animais ‘da água’ – incluindo-se aqui espécies com distribuição no mar ou no rio – nas canções na trilogia referida, nas quais se encontram manifestações do imaginário marítimo, nomeadamente aquelas que se relacionam com o mar e os seus habitantes: monstros e outras maravilhas, fauna marinha e aquática. Assim, foram até agora identificadas quatro músicas que acreditamos espelharem a percepção que os autores das obras originais tinham perante os animais aquáticos, com especial destaque para os mamíferos *balea*, *peixe mulher* e *cavallo marinho* – correspondentes às baleias, dugongos, e hipopótamos –, sem esquecer peixes, caranguejos e aves marinhas.

Indicamos aqui as músicas selecionadas, transcritas, parcial ou integralmente, em correspondência com as fontes originais em que se baseiam, e as citações que poderão corresponder aos episódios cantados por Fausto. Considerámos ainda relevante adicionar os *links* das mesmas músicas na plataforma Youtube, sempre que possível, bem como de acervos digitais acessíveis gratuitamente online, como se pode ver resumido na Tabela I.

Consideramos de relevância significativa estas referências a animais numa obra musical. Com o manancial de informação, entre episódios de naufrágio, guerra, contacto com culturas humanas, entre todas as histórias e relatos selecionados por Fausto para a construção das suas canções sobre a Diáspora, não passaram despercebidos ao autor os animais, poucas vezes considerados na construção da história e da identidade portuguesa.

Estes animais, transportados dos relatos de viagem para as canções, passam assim, agora, a fazer parte da cultura popular portuguesa, através da canção de autor.

ÁLBUM	MÚSICA	DISPONÍVEL EM:	FONTE ORIGINAL	ACERVO DIGITAL
Por Este Rio Acima	A ilha	Youtube https://www.youtube.com/watch?v=SUGWmEFqGKo	<i>Peregrinação</i>	BN Digital http://purl.pt/82
Crónicas da Terra Ardente	Ao som do mar e do vento	Youtube https://www.youtube.com/watch?v=abRC1C-GbR9U&list=RDabRC1C-GbR9U&t=16	<i>História Trágico-Marítima</i>	Internet Archive https://archive.org/stream/historia-tragicom0407bri-tuoft#page/n15/mode/2up/search/peixe
	A caçada	Youtube https://www.youtube.com/watch?v=6BL3CpXamcY		
Em Busca das Montanhas Azuis	Pelos Rios de Cuama	Não disponível	<i>Etiópia Oriental e Vária História de Cousas Notáveis do Oriente</i>	BN Digital http://purl.pt/26732-

Tabela I – Músicas da trilogia sobre a Diáspora Portuguesa de Fausto Bordalo Dias onde foram encontradas referências a animais aquáticos, com indicação dos respetivos álbuns, e correspondência com as fontes históricas.

Álbum: *Por Este Rio Acima*

Música: "A ilha"

Olhamos tudo em silêncio
 Na linha da praia
 De olhos na noite suspensos
 Do céu que desmaia
 Ai Lua Nova de Outubro
 Trazes as chuvas e ventos
 A alma a segredar
 A boca a murmurar
 Tormentos
 Descem em nuvens de assombro
 Tainhas e bagres
 Se as aves embalam os peixes
 Em certos milagres¹
 Levita-se o corpo da alma
 No choro das ladainhas
 Na reza dos condenados
 Nas pragas dos sitiados
 Da Ilha dos Ladrões
 Quem sai?
 E leva este recado ao cais
 São penas são sinais
 Adeus
 (...)
 Santo Anjo
 Vem
 Peixe fresco

Cai
 Meu Arcanjo
 Vai
 E leva-me a voar
 Pelo ar

 Ó milhafre lindo
 Ó linda gaivota
 Dá-me o teu peixe
 À mão
 Coração bem-vindo
 A voar pelo ar
 (...)

¹ "(...) porque estando nós hum dia, que era o em que se celebra a festa do Arcanjo São Miguel, derramando todos muytas lagrimas, & com tanta desconfiança de todo o remédio humano, quanto nos dava a fraqueza de nossa miseria & pouca fee, passou a caso voando por cima de nos hum milhano que vinha de detras de hum cabeça que a ilha fazia contra a parte do Sul, & peneirando no ár, com asas estendidas lhe cahio das unhas hum mugem fresco de quasi hum palmo de comprido (...)" (Alves, II: 179).

Álbum: *Crónicas da Terra Ardente*

Música: “A caçada”

é um lagarto façanhoso
coberto de conchas grossas
escancarado e raivoso
rabeando pelas poças
morto às espingardadas
logo esfolado às lançadas
e o manjámos na merenda
foi uma festa tremenda
porque assado no braseiro
soube a muito bom carneiro

são macacos saguins
tão custosos de agarrar
zombam de nós p’los capins
no seu jeito de zombar
mandam-nos comer cavacos
fazem gestos de macacos
são de uma carne nojosa
mas de cheiro e mais tihosa
de pior sabor e então
de muito má digestão

são caranguejos dos rios²
carrancudos e agressivos
arrecuam em baillios
c’o a pressa os comemos vivos
dentro das bocas insossas
pegam com as suas as nossas
de fora as tenazes dentadas
em nossos beiços aferradas
mal trincado o resto eu acho
vai bulindo papo abaixo

são brutas feras aos brados
eu não sei quantas nem quando
se andam por todos os lados
bafejando bafejando
saltam tantas alimárias³
asnos bichos bestas várias
viram-se a nós longas garras
mostram dentes as bocarras
umas rosnam delambidas
de eles muito bem vestidas

² “(...) e nós seguimos o caminho este dia e o seguinte, sempre ao longo da praia, achando nella grandes cardumes de caranguejos brancos, que andavam no rolo do mar, e quando a onda se recolhia ficavam descobertos; dos quaes matámos alguns em quanto o dia deo lugar; e como o tempo não era de muitos temperos, havia nisto tanta pressa, que muitas vezes quando os metíamos nas bocas, pegavam elles com as suas nos beiços, e ficando-lhe alli a perna afferada (...)” (Brito, 1904, l: 129).

³ “somente obra de duas legoas pelo rio acima, onde elle ainda corre muito poderoso, e vai de ambas as ribas cercado de rochas talhadas a pique, vimos da banda d’alem sair uma alimária maior que cavallo debaixo de certas lapas, e de cor negra, ao que cá donde estávamos pareceo, a qual nas partes que mostrava fóra d’agoa, que foram cabeça e pescoço, e parte do lombo, nenhuma differença tinha de camelo; e se o assim ha marinho, certo que este o era;” (Brito, 1904, l: 67-68).

Álbum: *Crónicas da Terra Ardente*

Música: “Ao som do mar e do vento”

carregados de uma banda
e tão pouco da outra
tão boiantes daquela
desengonçados na rota
penetrando a grandeza
dos oceanos das ilhas
servia a quilha de costado
e o costado de quilha
ventou-nos o vento
ventou
por mil invenções e maneiras
ondas e águas pelo ar
em borriscadas e chuvaeiros
e no corpo da nau
de rastos
na tolda
nos mastaréus

e até por fora do casco
já tudo são folias
pandeiros e zombarias

vão em nossa companhia
em grandes festas multicores
muitas aves mariscando
e muitos peixes voadores⁴
uma turba de baleias⁵
em bailes
borrifos
são elas
rompendo neste mar de rosas
manchas de ovas de aguarelas
vêm até nós daqueles céus
infinitas andorinhas
que no sabor ninguém sabia

⁴ “Navegando pois assim todas as naos em conserva entre ambas as fortunas, até passada a Linha Equinocial, sem mais outro allivio que os grandes rebanhos de peixe grande, e pequeno, que de dia com grandes festas e danças seguem a nao (...)” (Brito, 1905, VI: 9); “Nestas festas que os peixes vão fazendo ás naos, são grandes figuras os que chamam voadores, que são de um palmo, maiores e menores” (Brito, 1905, VI: 9).

⁵ “(...) continua e alegre vista de muitas baleas, que por particulares respeitos seos se vem recolher este tempo no reconcavo daquela bahia, e o gastam em continuas festas, saltos, e danças (...) que o fazem com tanto ar e graça, que para que se não perca volta sua que não seja vista, tanto que de lá do fundo chegam á superfície da agoa, lançam para cima um gracioso e grande borriffo, como de uma pipa de agoa (...)” (Brito, 1905, VI: 16).

se eram carnes ou sardinhas
sem St.º António que os doutrine
há peixes feros
tão danados
fuscos e mal encarados⁶
mas tudo são folias
pandeiros e zombarias

contemplando dos chapitéus
o movimento dos céus
e carteando o sol tão bem
meu bem
eu circundo
nas derradeiras partes do mundo
só p'ra te abraçar e beijar
com todo este sentimento
ao som do mar e do vento
ao som do vento e do mar

aguenta o barco altos mares
convocados pelos ventos
com que arfava e metia
muito pelo barlavento
senão quando um marinheiro
aos saltos pelo desconjuntio
gritou que se dava já
antes de mais
como defunto
e aponta a onda

que de muito longe
chega levantada
sobre ela vinham foliando
vultos negros em manada
mas passa o nau e o desditoso
tudo se esquece
acabou-se
o que foi passado
passou-se
e tudo são folias
pandeiros e zombarias

⁶ “Da Ilha de Martim Vás por diante começaram a ter alguns pronosticos de roim viagem; porque aqui déram com um peixe, que ninguem soube determinar que peixe era. A feição era de uma balea não muito grande, fusco e mal-encarado, o qual logo afugentou todo o outro peixe que vinha com a nao; e nunca os desamparou até a noite, em que se perderam; porque ainda aquella tarde antes da perdição houve homens que o viram ir diante da nao lançando grandes refolhos de agoa, como que folgava, ou avizava do que havia de succeder.” (Brito, 1904, IV: 12-13).

Álbum: *Em Busca das Montanhas Azuis*

Música: “Pelos Rios de Cuama”

e chamam os negros Zambeze
a estes rios de Cuama
tão longe nasce a terra dentro
que o seu princípio nem se chama
entra no mar com cinco bocas
e muitas águas
tão grandes como o próprio rio
e pelas fráguas
e chamam os negros Zambeze
a estes rios de Cuama

pelas fraldas do rio haviam
bichos do mar e outros silvestres
muita casta de muito peixe
e várias de animais terrestres
cavalos marinhos⁷ e bestas
grandes lagartos
javardos e outros mais fuscos
mal-assombrados
pelas fraldas do rio haviam
bichos do mar e outros silvestres

e a água escorre de um alto divino
num doce chapéu-de-sol cristalino
no arco celeste desdobram-se
as cores
que o sol converte a terra em ouro
e paixão
e em brilhantes doirados amores
do meu coração

e as aves de asas pintadas
de tintas e muitas cores
já cantam docemente na música
em requebros e tambores
besouros de rabo-de-luz
que se alumiam
que nesta Etiópia no céu
pelo ar haviam
as aves de asas pintadas
de tintas de muitas cores

⁷ “Estes rios de Cuama, e no de Sofala, e nos mais de toda esta costa, se criam muitos cavalos-marinhos, mui ferozes, e espantosos. São muito maiores, e mais grossos que dous cavalos juntos dos nossos; tem os pés muito curtos e grossos, cinco unhas em cada mão, e quatro em cada pé, e a pegada quase tamanha como a de um elefante (...)” (Santos, 1609: 46v.).

na forma de corpo jericos
 estas que são zebras formosas
 com enfeites a preto e branco
 em outras feras mais bichosas
 viscosa besta e muita cobra
 pelo formato
 muita bicheza languinhosa
 pelos ressaltos
 na forma do corpo jericos
 estas que são zebras formosas

e há muita ostra de coral⁸
 e pescaria saborosa
 cação caboz choupa tainha⁹
 mais alegres em tons de rosa
 se o peixe-mulher é sereia¹⁰
 pela cintura
 em terras de areia do mar
 pela figura
 há muita ostra de coral
 e pescaria saborosa

⁸ “No mar destas ilhas há muito aljófar, e pérolas, as quais se criam dentro em umas ostras mui grandes, a que chamam madre pérola, que andam no fundo do mar em terra de areia. Os naturais as pescam de mergulho, e antes de ir abaixo, lançam no mar um certo preso da embarcação, com uma pedra dentro, para que vá ao fundo.” (Santos, 1609: 41).

⁹ “Neste rio de Sofala se cria muito peixe, gordo e saboroso, como são tainhas mui grandes: saltões, semelhantes a tainhas, mas muito melhores: muitos cações, melhores, e mais sadios que os de Portugal: muito peixe Pedra, que é como grandes choupas: Cabozes, semelhantes a pescadinhas, tão excelentes, e sadios, que se dão aos doentes (...)” (Santos, 1609: 39).

¹⁰ “Quinze léguas de Sofala estão as Ilhas das Boçicas ao longo da costa para a parte do Sul: no mar das quais há muito peixe Mulher, que os naturais das mesmas ilhas pescam, e tomam com linhas grossas, e grandes anzóis, com cadeias de ferro, feitos somente para isso, e de sua carne fazem tassalhos, curados ao fumo, que parecem tassalhos de porco. (...) Este peixe não fala, nem canta, como alguns queres dizer, somente quando o matam dizem que geme como uma pessoa: não tem cabelos no copo, nem na cabeça. Tirado fora da água morre como qualquer outro peixe, mas põem muito tempo em morrer, se o não matam. Eu cuido que estas devem ser as Sereias, e Tritões que os antigos fingiam, dizendo que Tritão era homem marinho, filho da Ninfa Salacia também mulher marinha, os quais habitavam no mar; e por esse respeito fingiam que Tritão era Deus do mar, e trombeta de Neptuno.” (Santos, 1609: 40-41).

Bibliografia

- Afonso, Rui Godinho Mendes de Carvalho (2010), *O percurso lírico do protagonista de Peregrinação, de Fernão Mendes Pinto, em Por Este Rio Acima, de Fausto Bordalo Dias*. Dissertação de mestrado, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Católica Portuguesa.
- Alves, Jorge Santos (dir.) (2010), *Fernão Mendes Pinto and the Peregrinação. Studies, restored Portuguese text, notes and indexes*. Volume II, Lisboa, Fundação Oriente.
- Brito, Bernardo Gomes de (1904a), *Historia Tragico-Maritima [com outras noticias de naufrágios]*. Volume I, Lisboa, Escritorio.
- _____ (1904b), *Historia Tragico-Maritima [com outras noticias de naufrágios]*. Volume IV, Lisboa, Escritorio.
- _____ (1905), *Historia Tragico-Maritima [com outras noticias de naufrágios]*. Volume VI, Lisboa, Escritorio.
- Brito, Cristina (2009) *Os Mamíferos Marinhos nas Viagens Marítimas pelo Atlântico entre os Séculos XV e XVIII. A Evolução da Ciência e do Conhecimento*. Tese de Doutoramento, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humana da Universidade Nova de Lisboa.
- Brito, Cristina / Nina Vieira (2016), 'A Sea-Change in the Sea? Perceptions and Practices Towards Sea Turtles and Manatees in Portugal's Atlantic Ocean Legacy', in Kathleen Schwerdtner Maney / Bo Poulsen (eds). *Perspectives on Oceans Past. A Handbook on Marine Environmental History*. Dordrecht, Springer Science + Media, pp. 175-191.
- Groesen, Michiele van (2008), *The Representations of the Over World in the De Bry Collection of Voyages (1590-1634)*, Leiden, Brill.
- Lopes, Marília dos Santos (2002) *Da descoberta ao Saber. Os conhecimentos sobre África na Europa dos séculos XVI e XVII*. ed. 1, Viséu, Passagem.
- Lopes, Marília dos Santos (2016), *Writing New Worlds*, Newcastle upon Tyne, Cambridge Scholars Publishing.
- Lopes, Paulo Catarino (2009), *O Medo do Mar nos Descobrimentos*, Lisboa, Tribuna da História.
- Santos, João dos (1609), *Primeira Parte da Ethiopia Oriental ...* Imprensa no Convento de São Domingos de Évora.
- Simões, Catarina Santana / José Moura Ferreira (2011), 'Troféus e Iguarias: O Exótico no Discurso dos Primórdios dos Descobrimentos', in Artur Teodoro de Matos / João Paulo Oliveira e Costa (coord.) *A Herança do Infante*. Lisboa, CEPCEP/ CHAM/ C.M. Lagos, pp. 207-216.